



O ITINERÁRIO DE EMAÚS (Lc 24,13-35) SOB A ÓTICA DO CHAMADO À MISSÃO CRISTÃ¹

THE ITINERARY TO EMUS (LK 24,13-35) FROM THE PERSPECTIVE OF THE CALL TO CHRISTIAN MISSION

Clodoaldo da Luz²

Resumo: O presente artigo visa refletir sobre o chamado à missão, inerente à fé cristã, tendo como base a perícopes lucana *Os dois discípulos de Emaús* (Lc 24, 13-35). No referido excerto, Lucas evidencia a necessidade da experiência com Jesus Ressuscitado, a importância da Palavra e da partilha, que, concatenados, impulsionam à missão e à inserção na comunidade. Tais passos, elucidados pela referida citação lucana, são intrínsecos à missão cristã de evangelizar e constituir a comunidade, agregando os discípulos e missionários de Jesus Cristo que, com ardor, escutam a Palavra, partilham o Pão e anunciam que o Cristo Ressuscitado está vivo e caminha na comunidade.

Palavras-chave: Encontro. Palavra. Missão. Comunidade.

Abstract: This article aims to reflect on the call to mission, inherent to the Christian faith, based on the Lukan pericope *The Two Disciples of Emmaus* (Lk 24, 13-35). In the aforementioned excerpt, Luke highlights the need for an experience with the Risen Jesus, the importance of the Word and of sharing, which, together, promote the mission and insertion into the community. Such steps, elucidated by the aforementioned Lukan quotation, are intrinsic to the Christian mission: to evangelize and constitute the community, bringing together the disciples and missionaries of Jesus Christ who, with ardor, listen to the Word, share the Bread, and announce that the Risen Christ is alive and walks in the community.

Keywords: Encounter. Word. Mission. Community.

¹ Enviado em: 24.09.2024. Aceito em: 20.10.2024.

² Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: clodoaldoluz@outlook.com.

Introdução

A expansão do anúncio da redenção humana, realizada por Cristo Jesus, fez com que diversas pessoas, após terem feito a experiência do encontro com o Cristo Ressuscitado, através da evangelização empreendida pela Igreja por meio de seus membros, se lançassem ao anúncio e à missão de prolongar a ação benévola de Deus para a humanidade, na Pessoa de Jesus.

Destes missionários incansáveis, destaca-se Lucas, um grego convertido ao Cristianismo, que acompanhou Paulo na missão de evangelizar. Lucas, ciente da necessidade da experiência do encontro com Cristo como marco para a missão, insere, no final de sua obra, o Evangelho, a perícopes *Os dois discípulos de Emaús* (Lc 24, 13-35), mostrando o itinerário a ser percorrido pelo discípulo no seguimento de Cristo. Isso somente é possível através da continuação de sua missão, que não é privilégio de alguns, mas de todo discípulo, que é, portanto, também missionário.

Aliás, no intuito de redigir³ uma reflexão sobre a missão, inerente ao credo cristão, embasando-se numa hermenêutica na narração de Lucas *Os dois discípulos de Emaús* (Lc 24, 13-35), será apresentada uma sucinta biografia de Lucas, para, depois, expor o referido excerto lucano, a fim de, numa consideração hermenêutica, à luz da caminhada dos discípulos de Emaús, investigar o convite à missão e suas exigências.

O evangelista Lucas

A pregação sobre a pessoa de Jesus Cristo, transmitida pelos apóstolos, ultrapassou as barreiras geográficas da Palestina e alcançou o mundo conhecido, chegando às terras pagãs. Dentre os pagãos que creram no Cristo de Deus, destaca-se a figura singular de Lucas. Os hagiógrafos são unânimes em afirmar que ele era, por cidadania, “antioqueno da Síria”;⁴ pela língua e costumes, grego; pela profissão, médico; pela fé, cristão; e, por vocação, missionário.

Lucas se converteu ao cristianismo por volta do ano 42, portanto, não foi discípulo direto de Jesus Cristo. Ele exerceu “a profissão de médico, dotado de boa formação helenista”.⁵ Citado como historiador, médico, evangelista e missionário, companheiro de Paulo, tenta-se chegar a um conhecimento sobre essa personagem importante na história da Igreja, mas são poucas as fontes acerca de sua vida.

A Sagrada Escritura, nas cartas paulinas, faz referência a Lucas como companheiro de Paulo em suas viagens e como alguém que prestou “bons ofícios de caro médico ao Apóstolo, que adoeceu na Galácia”.⁶ Eis uma citação de Paulo a respeito de Lucas: “Saúdam-vos Lucas, o médico amado, e Demas” (Cl 4,14).

³ Na redação desse artigo será utilizada a seguinte lista de abreviações e siglas: AG, para o documento do Vaticano II *Decreto sobre a Atividade Missionária da Igreja*; CNBB, para a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil; DAP, para o Documento de Aparecida de 2007: *Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*; e GS, para o documento do Vaticano II *Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo de Hoje*.

⁴ BOCCALI, Giovanni; LANCELLOTTI Angelo. *Comentário ao Evangelho de Lucas*. Tradução de Antonio Angonese. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 11.

⁵ BETTENCOURT, Estevão. *Para entender os Evangelhos*. Rio de Janeiro: Agir, 1960, 145.

⁶ BETTENCOURT, 1960, p. 145.

Após sua conversão, Lucas acompanhou Paulo em sua segunda viagem missionária (cf. At 15,36 – 18,23), que ocorreu entre os anos de 49 e 52, com início e término em Antioquia da Síria. Durante essa viagem, Paulo foi acompanhado por Silas, Timóteo e Lucas, que permaneceu com Paulo em sua estadia em Filipos em 57. Também o acompanhou durante o cárcere de Paulo em Jerusalém e Roma.⁷ Esse período recluso foi fecundo para Lucas, que aproveitou a oportunidade para reunir material e conhecimento para compor o Evangelho e os Atos dos Apóstolos. Esse tempo de encarceramento concedeu a Lucas a chance de “viver e conhecer a vida, as pessoas da Igreja mãe, ver os lugares, frequentar as comunidades cristãs, interperlar as pessoas, ambientes e escritos referentes à pessoa de Cristo e à vida da Igreja”.⁸

Por volta de 67, Lucas também acompanhou Paulo em seu segundo cativeiro em Roma, até a morte do apóstolo, quando “Lucas parece ter deixado Roma, a fim de pregar o Evangelho em regiões que a tradição não sabe indicar com precisão: Beócia, Bitínia, Dalmácia, Gália, Itália, Macedônia”.⁹ A tradição atesta que “ele não era casado e morreu aos 84 anos de idade”.¹⁰

Aliás, pela experiência pessoal com Cristo Jesus, que o levou a abraçar o itinerário missionário junto com Paulo, Lucas amejhou uma considerável quantidade de dados para compor sua obra literária, a qual, segundo a tradição, pode ter sido elaborada na “Grécia, mais especificamente na região da Acaia ou Beócia; Alexandria no Egipto; Cesaréia na Palestina ou em Roma”.¹¹ Em sua obra, Lucas expõe a missão de Jesus e o prosseguimento desta pela Igreja: o Evangelho e os Atos dos Apóstolos, “nas proximidades do ano 80”,¹² em língua grega, para cristãos gentios.

O percurso literário de Lucas, ao escrever o Evangelho, segue o “esquema traçado por S. Pedro na sua primeira alocução programática” (cf. At 1,22)¹³: ministério de S. João Batista, pregação de Jesus na Galileia, subida a Jerusalém... morte e exaltação do Senhor na cidade Santa,¹⁴ enriquecendo-o com o Evangelho da infância (capítulos 1-2 do Evangelho segundo a autoria lucana) e com a inclusão da seção 9,51 – 18,14, na qual ajustou à elaboração do Evangelho uma coleção importante de episódios e ditos, presentes em Marcos e parcialmente contemplados em Mateus.

No desejo de manifestar a salvação de Deus, operada em e por Jesus, Lucas elabora o Evangelho, esmerando-se no vocabulário rico, na beleza, sensibilidade e arte da escrita, deixando claro que o autor frequentou a escola da época, valendo-se de sua

⁷ Em Jerusalém devido a acusação dos judeus de prosélito, por propagar o cristianismo e de profanar o templo de Jerusalém, infiltrando os pagãos nele, e de perturbador da paz, por liderar os nazireus. Já, em Roma, encontra-se detido, pelo período do outono de 59 e da primavera de 60, por ter seu pedido acolhido, por ter cidadania romana, pelo imperador na causa dos judeus contra ele.

⁸ BOCCALI; LANCELLOTTI. 1979, 12.

⁹ BETTENCOURT, 1960, p. 148.

¹⁰ FONSATTI, José Carlos. *Introdução aos Evangelhos*. São Paulo: Vozes, 2004, p. 32.

¹¹ FONSATTI, 2004, p. 34.

¹² HARRINGTON, Wilfrid John. *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a revelação*. Tradução de Josué Xavier e Alexandre Macyntre. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1985, p. 476.

¹³ “É necessário, pois, que, dentre estes homens que nos acompanharam todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu em nosso meio, a começar do batismo de João até o dia em que dentre nós foi arrebatado, um destes se torne conosco testemunha da sua ressurreição” (At 1,21-22).

¹⁴ BETTENCOURT, 1960, p. 153-154.

verve helenista. Um “proêmio ou prefácio” era muito comum nos escritos profanos helenistas, mas não usual nos livros bíblicos.¹⁵

Essa característica de Lucas não enquadra sua obra como a de um historiador moderno, pois não se interessa primordialmente pela história, embora tenha interesse pelos fatos históricos. Ele se esmera em “escrever um ‘relato ordenado’, sendo essa ordem, sobretudo teológica, pois se ocupa com as coisas transmitidas por aqueles que eram não meras testemunhas dos acontecimentos, mas ‘ministros da palavra’” (Lc 1,2).¹⁶

Deste modo, Lucas, ao remeter o prefácio de sua obra a Teófilo, escreve também aos demais leitores, convidando-os “a compreender o significado da vinda de Cristo: o ‘Evangélio’ de Deus chegara aos homens como salvação para todos”.¹⁷

O próprio Cristo Jesus se faz caminhante — como está relatado na perícopos *Os dois discípulos de Emaús* (Lc 24, 13-35) — com seus discípulos para explicar-lhes a Escritura e abrir-lhes o coração, pela bênção e partilha do pão, a fim de iluminar a escuridão da incredulidade com a luz da ressurreição, que faz brotar do coração do discípulo a “alegria e a pressa de promulgar os fatos acontecidos e vividos”.¹⁸

Com uma coesa exposição da biografia de Lucas, será apresentada sua perícopos *Os dois discípulos de Emaús* (Lc 24, 13-35), na qual o convite à missão é robustecido pelo alegre encontro pessoal com o Mestre, por meio do qual é reacendido e reavivado o discipulado missionário, presente no regozijo do anúncio da Boa Nova.

Exposição da perícopos lucana dos *Discípulos de Emaús* (Lc 24, 13-35)

Em posse de uma sucinta biografia de Lucas, faz-se oportuno a exposição de sua narrativa *Os dois discípulos de Emaús* (Lc 24, 13-35), objetivando, posteriormente, uma reflexão sobre o discipulado missionário. Isso, tendo em vista que o chamado à missão é inerente à vocação cristã, assim como o discipulado missionário é imanente ao seguimento de Cristo Senhor.

Eis a narrativa lucana:

Os dois discípulos de Emaús

13 E eis que dois deles viajavam nesse mesmo dia para um povoado chamado Emaús, a sessenta estádios de Jerusalém; 14 e conversavam sobre todos esses acontecimentos. 15 Ora, enquanto conversavam e discutiam entre si, o próprio Jesus aproximou-se e se pôs-se a caminha com eles; 16 seus olhos, porém, estavam impedidos de reconhecê-lo. 17 Ele lhes disse: ‘Que palavras são essas que trocáis enquanto ides caminhando?’ E eles pararam com o rosto sombrio. 18 Um deles, chamado Cléofas, lhe perguntou: ‘Tu és o único forasteiro em Jerusalém que ignoras os fatos que nela aconteceram nestes dias?’ 19 ‘Quais?’, disse-lhes ele. Responderam: ‘O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obra e palavra, diante de Deus e de todo o povo: 20 nossos chefes dos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. 21 Nós esperávamos que fosse ele quem iria redimir Israel; mas, com tudo isso, faz três dias todas essas coisas aconteceram! 22 É verdade que algumas mulheres, que são dos nossos, nos assustaram. Tendo ido muito cedo ao túmulo 23 e não tendo encontrado o corpo, voltaram dizendo

¹⁵ BETTENCOURT, 1960, p. 148.

¹⁶ HARRIGTON, 1985, p. 478.

¹⁷ HARRIGTON, 1985, p. 161.

¹⁸ BOCCALI; LANCELOTTI, 1979, 18.

que tinham tido uma visão de anjos a declararem que ele está vivo. 24 Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas tais como as mulheres haviam dito; mas não o viram!

25 Ele, então, lhes disse: ‘Insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram! 26 Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?’ 27 E, começando por Moisés, e por todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito.

28 Aproximando-se do povoado para onde iam, Jesus simulou que ia mais adiante. 29 Eles, porém, insistiram, dizendo: ‘Permanece conosco, pois cai a tarde e o dia já declina’. Entrou então para ficar com eles. 30 E uma vez à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e distribuiu-o a eles. 31 Então seus olhos se abriram e o reconheceram; ele, porém ficou invisível diante deles. 32 E disseram um ao outro: ‘Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo, quando nos explicava Escrituras?’

33 Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém. Acharam aí reunidos os Onze e seus companheiros, 34 que disseram: ‘É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!’ 35 E eles narraram os acontecimentos do caminho e como o haviam reconhecido a fração do pão (Lc, 24, 13-35).

O encontro pessoal com Cristo Jesus

O itinerário da fé pascal, presente na perícopos *Os dois discípulos de Emaús* (Lc 24, 13-35), é um modelo de escola catequética de Jesus para todo cristão, da qual brota o encontro, não simplesmente com a doutrina explicada, mas com o próprio Cristo, pois “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”.¹⁹

Do encontro pessoal e fundante com Jesus Cristo, a vida adquire um novo horizonte e, conseqüentemente, uma orientação decisiva e comprometida, em prol do anúncio da ressurreição de Cristo, mediante o encontro com Jesus, a partir do qual desperta “na Igreja e em cada cristão a urgência de testemunhar e de evangelizar”.²⁰

É impossível testemunhar a fé no Ressuscitado sem ter tido a experiência com Ele, sendo que a fé está imbricada e, ao mesmo tempo, decorre do encontro transfigurador com Deus, em Jesus, o qual faz ressoar no coração humano a Boa Nova do Reino.

É imprescindível a vivência da fé no Cristo, a qual só é possível quando, realmente, a exemplo dos discípulos de Emaús, caminha-se com Jesus e, desse itinerário, tem-se a experiência do encontro com o Ressuscitado, da qual nasce e robustece a vocação cristã de seguir a Cristo e, desse seguimento, a vocação missionária, inerente à fé cristã, anunciando que Jesus venceu a morte.

A vocação cristã, portanto, não se assenta num fato teórico ou discursivo, mas sim num encontro pessoal e transfigurador com o Cristo Ressuscitado. Nesse sentido, é essencial, do mesmo modo que *Os dois discípulos de Emaús* (Lc 24, 13-35), desfazer-se de suas convicções meramente humanas e passar a notar, nos acontecimentos, a mão de Deus.

¹⁹ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília/São Paulo: CNBB/ Paulus/ Paulinas, 2007, p. 114, nº 243.

²⁰ JOÃO PAULO II. *Carta apostólica Mane Nobiscum Domini*. 2ª ed., São Paulo: Paulinas, 2005, p. 27, nº 24.

A rigidez da postura de cristãos, que, da mesma forma que os discípulos de Emaús, se fecham à novidade de Deus, orientando-se por concepções fundadas somente na razão, acarreta o isolamento da comunidade, saindo, metaforicamente, de Jerusalém até Emaús, escondendo-se de tudo o que lembra e relembra o fracasso de suas concepções humanas. Assim, semelhante trajeto desolador se torna o caminho do isolamento e da angústia, consistindo na negação da vocação cristã, pois todo cristão é anunciador da vitória de Cristo sobre a morte através da vida de oração, do testemunho de vida e da inserção na comunidade. Com efeito, realizar semelhante “missão não é tarefa opcional, mas parte integrante da identidade cristã, porque é a extensão testemunhal da vocação mesma”.²¹

O encontro com Cristo, além de vincular a pessoa à sua vida e missão, robustece o ímpeto missionário e dissipa as trevas do comodismo e do conformismo, diante de um mundo dominado pela descrença religiosa e pela ditadura do descartável, do efêmero e do pragmatismo. Perante semelhante realidade, a experiência do Cristo Ressuscitado implica a conformação do pensar e do agir do Cristo Senhor.

Os atos de Jesus revelam o Pai, simultaneamente manifestando plenamente o homem ao homem, suscitando nele a sublime vocação de anunciar e testemunhar a Boa Nova do encontro com o Mestre da Vida que venceu a morte. Levando-o a proclamar o querigma, que consiste na proclamação e primeiro anúncio da Vida, Paixão e Ressurreição, já anunciado nos primórdios do Cristianismo.

A iniciativa de Jesus de se fazer presente na história e na vida do homem, conforme ocorrerá com os discípulos de Emaús, ilumina as trevas da incerteza e dos fracassos e converte os sentimentos e gestos humanos, despertando-o à necessidade de fazer dom de si aos irmãos, através do anúncio missionário e pela proclamação da salvação, trazida por Cristo Jesus, na qual se anuncia que o Senhor Ressuscitado é “luz e força para todos os anseios, para as situações alegres ou sofridas e para as questões presentes nas respectivas culturas dos povos”.²²

A presença de Cristo Jesus na história humana corrobora a assertiva acima, pois Jesus se insere no contexto vital dos seus, pois, conforme a perícopes *Os dois discípulos de Emaús* (Lc 24, 13-35), Jesus assume a condição do

peregrino que se junta às pessoas desanimadas e sem esperança. Escuta suas ansiedades e compartilha a falta de sentido dos acontecimentos e da história. Fala a partir do horizonte do outro, e com palavras e sinais, revela a profunda mensagem de Deus²³.

Por isso, somente na e pela experiência do encontro com o Ressuscitado, o homem sai de si e, com o firme propósito, faz da sua vida uma oblação agradável a Deus, em doação aos irmãos, pelo anúncio da vitória de Cristo sobre a morte.

Tal entrega somente é possível “para quem fez a experiência do encontro pessoal com o Ressuscitado, para quem, como os discípulos de Emaús, caminhou longamente com Ele, e, graças a essa experiência, viu o mundo com novos olhos”.²⁴

²¹ Dap, 2007, p.76, nº 144.

²² Dap, 2007, p. 215, nº 477.

²³ Dap, 2007, p.76, nº 144.

²⁴ BARREIRO, Álvaro. *O itinerário da fé pascal: a experiência dos discípulos de Emaús e a nossa* (Lc 24,13-35). São Paulo: Loyola, 2001, p. 65.

A Palavra de Deus é base e fundamento para a missão

O encontro com o Cristo Ressuscitado leva necessariamente à escuta da Palavra de Deus, que não é somente “aquela fixada e definida nos livros sagrados, mas também a que se faz presente na história e na pessoa ressuscitada do Mestre”.²⁵

Somente à luz do Ressuscitado a Escritura se torna inteligível para o cristão, como fora para os Discípulos de Emaús, que, abatidos e desiludidos pelo evento da cruz, pensavam que tinham aderido a um morto. Somente a certeza, já despertada pela explicação das profecias sobre o Messias, contidas na Lei e nos Profetas, faz os discípulos almejam a convicção da vitória do Mestre.

A vitória de Cristo, testemunhada pelos discípulos que fizeram o itinerário de Emaús com Cristo Jesus, é prosseguida pela Igreja pela pregação do querigma, no qual acontece um autêntico encontro com Jesus Cristo, a Palavra de Deus encarnada, que exorta à missão.

Por ser a Palavra de Deus presente na realidade humana, Cristo Jesus é o objetivo supremo e único do anúncio do Reino e da história da salvação, realizada por Deus em prol do homem.

O Cristo é o anunciador do Pai; por isso, o cristão, em comunhão com a Igreja, é convidado a prolongar a missão de anunciar o amor de Deus na Pessoa de Jesus, o Cristo, buscando “iluminar com a luz do Evangelho todos os âmbitos da vida social”.²⁶

O episódio "Os dois discípulos de Emaús" (Lc 24, 13-35) indica bem esses corolários provenientes do anúncio da Palavra feita carne, pois Lucas, ao narrar a experiência de caminhar realizada por eles com Jesus Ressuscitado, não encerra o texto no ritual de partilha, muito menos na emoção do encontro, senão relata a mudança de rumo acontecida na vida dos discípulos, que, transfigurados pela experiência com o Mestre vivo, partem para anunciar.

Esse itinerário, feito pelos discípulos, iluminados pela Palavra Viva, presente em seu caminho a Emaús – explicando-lhes a Escritura a respeito de Si, abrindo-lhes a mente para todos os eventos transcorridos na sexta-feira – deve ser o trajeto do cristão, que, norteado pela experiência com o Ressuscitado, Palavra Eterna do Pai, através da proclamação da Escritura, também parte em missão, guiado pela Palavra de Deus que “inspira e ilumina os passos dos missionários”.²⁷

Assim, a Palavra de Deus aponta os critérios para a ação missionária, pois a Palavra de Deus é dom do Pai para o encontro com Jesus Cristo vivo, caminho de autêntica conversão e de renovada comunhão e solidariedade que abraça os corações e suscita o cristão, fundamentado assim na rocha da Palavra de Deus, a levar a Boa Nova da salvação a seus irmãos.

O cristão assume o papel de profeta, adquirido pelo múnus no batismo, pois anuncia a realização total das profecias que desembocam na remissão, operada por Deus em Jesus, em prol da humanidade. Com isso, a evangelização, ao ser inerente ao seguimento do Cristo Senhor, consiste numa atitude de profetismo da Boa Nova.

²⁵ PALEARI, Giorgio. *Espiritualidade e missão*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 41.

²⁶ Dap, 2007, p.224, nº 501.

²⁷ PALEARI, 2001, p. 40.

Jesus explica e desvenda o desígnio salvífico presente nos acontecimentos, aquecendo os corações e impulsionando à missão, como ocorrerá com os Discípulos de Emaús, os quais, impulsionados pela explicação e exortação do Mestre e pelo partir do pão, retornam para Jerusalém. Voltam não mais cabisbaixos e derrotados, mas sim com a certeza da vitória do Cristo Jesus. Paradoxalmente, o trajeto diurno de Jerusalém a Emaús é envolto na escuridão da descrença e do afastamento da comunidade, que obnubila os discípulos. Não obstante, conquanto de noite, no retorno a Jerusalém, seus corações são iluminados pela fé, pela esperança e pela caridade, pelo próprio Ressuscitado. Isso os faz voltar à comunidade, agora com o renovado ímpeto de comunicar a alegria da ressurreição do Mestre, não mais como desiludidos, mas sim como discípulos missionários.

A missão é convite à partilha

O cristão, a exemplo dos dois discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35), guiado pelo encontro com o Ressuscitado, através da proclamação da Palavra, sente-se impelido a comunicar a alegria da experiência com Cristo Jesus, o qual o convoca a ser sinal Dele ao próximo, assumindo a missão.

Para tal, é mister se fortalecer espiritualmente pela escuta da Palavra de Deus, pela participação na Eucaristia e pela feliz partilha da experiência com o Ressuscitado, por intermédio do anúncio.

Aliás, a Igreja sustenta e forma o cristão, administrando-lhe os tesouros espirituais do Pão da Palavra e dos Sacramentos, dos quais a Eucaristia, Pão da Partilha, é o seu baluarte, pois é o próprio Cristo que se dá como alimento. Ensinando-o que a missão, sendo o prolongamento do anúncio de Jesus Cristo, acontece e se propaga devido ao testemunho da fé em Cristo e pelo seguimento a Ele, o Único que fundamenta “o caráter, o alcance, a urgência e a autoridade da missão cristã da Igreja primitiva”.²⁸

Ciente disso, o cristão é convidado a perceber, diante da realidade calamitosa alicerçada pela fome, exclusão e depressão, que a Igreja, a mandato do Senhor, é a continuadora de sua ação fraterna e de partilha para com os mais necessitados. Na Igreja, o cristão assume a sua missão de espelhar a Jesus Cristo e suas atitudes, a exemplo dos discípulos de Emaús, que, ao reconhecer Jesus, vão apressadamente comunicar e partilhar o que ouviram e viram na caminhada com o Ressuscitado, não guardando para si a alegria ímpar deste encontro.

O anúncio da manifestação de Deus em Jesus leva ao seguimento de sua Pessoa, implicando na assimilação e vivência do seu mandato de amar, apontando para a configuração do cristão a Ele por meio da oblação pessoal implícita na missão, conforme fizera Jesus na cruz. Assim, tornando-se, por sua entrega obediente, fundamento vivo da vida cristã, que não se detém somente na cruz como objeto de suplício e morte, mas a vê sob um novo olhar: a cruz como instrumento da salvação. Pois, após a cruz, Jesus ressuscita e, na sua ressurreição, indica, desde os primórdios da Igreja, a sua identidade de Cristo, a sua autoridade, a sua missão.

²⁸ STUHLMUELLER, Carrol; SENIOR, Donald. *Os fundamentos bíblicos da missão*. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1987. 214.

o acontecimento da ressurreição revela à comunidade primitiva a identidade...de Jesus como Cristo, como Filho de Deus, como Filho do Homem, como Senhor do universo. A autoridade cristológica implícita nas palavras e ações de Jesus de Nazaré era...revelada explicitamente como a autoridade e a missão do Filho de Jesus. Está dinâmica dá à luz a teologia da missão²⁹.

O comprometimento com o prosseguimento da missão deixada por Cristo leva o cristão a uma profunda mudança de atitude, a exemplo dos discípulos de Emaús, que, tristes e desolados devido a tudo o que ocorrera com o Mestre, ao caminhar com Ele, expõem seus remorsos, escutam a Palavra, colocam-se à mesa, têm o coração abrasado e retornam à comunidade com um novo ardor, refazendo o trajeto, o caminho, outrora pesorosamente percorrido, agora com um novo ardor e uma nova intelecção, mais internalizada e espiritualizada, da missão.

Por essa mudança, ocasionada não por um mero conhecimento, mas pelo fruto da experiência íntima com Cristo Ressuscitado, são capazes de partilhar, não somente os fatos acontecidos no caminho, mas a si mesmos, renunciando ao conforto de sua casa e enfrentando os perigos da noite, com uma alegria sem igual, a qual, por não caber no coração, deve ser partilhada com a comunidade.

Na condição de anunciador e construtor do Reino de Deus no mundo, o cristão, discípulo missionário, inserido na comunidade e alimentado pela Palavra e pela Eucaristia, é revitalizado, como foram os discípulos de Emaús, para prosseguir a caminhada de proclamador da Boa Nova de Deus revelada, que é o próprio Jesus, encarnando-O nas situações concretas e no contexto vital das pessoas evangelizadas.

O cristão, nesse itinerário, ao se comprometer com o caminho de testemunhar o amor divino à humanidade, sente o coração em chamas, a chama do amor, igual aos discípulos de Emaús, que, ao serem instruídos na Escritura pelo próprio Jesus, tiveram a plena convicção da presença do Mestre ao partir o pão.

Depois de O reconhecerem após o rito da partilha, no qual rememoraram a prática da caridade de Jesus ao partilhar 5 pães e 2 peixes com uma grande multidão, despertam para a necessidade de fazer o mesmo: partilhar não o pão físico, mas o pão do céu, o próprio Jesus Cristo Ressuscitado, o qual desaparecera de repente, contudo, permanecendo perante eles mediante o pão partilhado, pelo qual, agora, de fato, seus olhos se abriram para o fato de que Jesus não fora vencido pela morte, porque ressuscitou.

Assim, a centralidade da missão se encontra na união das pessoas e na inserção à comunidade, nutrida pela Palavra e pela Eucaristia. A comunidade, na condição de lar e areópago de comunhão, faz os discípulos missionários compartilharem a fé no Cristo Ressuscitado e o efervescente ardor pela missão, colocando-se a serviço de Deus e do próximo, por intermédio do anúncio do Cristo Senhor. Por isso, é impossível anunciar a Jesus Cristo desvinculado da comunidade, porque a missão é “a fidelidade a Cristo e à Igreja”.³⁰

Pondo-se a serviço da missão, o cristão adquire um despojamento e uma alegria sempre renovada perante a materialidade e os acontecimentos. Isso também decorre da capacidade da Igreja, na condição de depositária da graça de Deus, de “formar

²⁹ STUHLMEYER; SENIOR, 1987, 216.

³⁰ HITZ, Paul. *A pregação missionária do Evangelho*. Tradução de Jorge Soares, 1962, p. 56.

discípulos e missionários que respondam à vocação recebida e comuniquem por toda a terra, transbordando de gratidão e alegria, o dom do encontro com Jesus Cristo”.³¹

O missionário se faz próximo

O cristão missionário, ao difundir o Reino, torna-se o irmão universal, que, inserido na comunidade, é o reflexo do Ágape de Deus, revelado em Cristo Jesus, manifestado pelo seu sangue na sua morte cruenta na carne (cf. 1Pd 3, 18) e por sua ressurreição, concedendo à humanidade a Páscoa definitiva.

Sob a luz da claridade pascal do Evangelho, o cristão missionário proclama, com vigor, a prática do amor como norte da vivência da fé cristã. Indo necessariamente ao encontro do outro, visando à construção de um mundo fraterno e justo, pela implantação da Boa Nova de Deus.

O pulsar cada vez mais forte da consciência da adesão a essa precisão do homem, de libertação holística pelo anúncio do amor misericordioso de Deus presente em Jesus Cristo, faz crescer o ardor e a caridade do cristão missionário para com o próximo, convidando-o à conversão que brota no coração pela certeza da necessidade da conversão, tornando-se um sinal de paz e de amor, diante de um mundo atemorizado pela violência, pelo ódio e pela exclusão.

Ciente de suas fraquezas e limitações, ao experimentar a misericórdia de Deus, o cristão missionário pode ser misericordioso para com o irmão, demonstrando compaixão por suas mazelas, da mesma forma que Jesus Cristo se compadeceu dos sofrimentos dos discípulos de Emaús, ao escutar suas aflições e angústias, durante a caminhada com eles, e ao repartir o pão com eles.

Partindo disso, é que se pode vislumbrar no cristão missionário a generosidade de Deus e a gratuidade do Evangelho, que consiste em participar, de coração aberto, da missão de Cristo, assumindo, como Ele, a miserabilidade e a perspectiva humana. Visto que

as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração³² (GS, 1).

Para isso, é imprescindível a experiência com a Pessoa de Jesus, pois somente por meio de tal experiência é que o cristão pode fazer de sua vida o constante anúncio de Cristo Jesus. Haja vista que *os dois discípulos de Emaús* (Lc 24, 13-35) somente

foram iluminados e recriados, porque se abriram à experiência da misericórdia do Pai que se oferece por sua Palavra de verdade e vida. Não abriram o coração para algo do Messias, mas ao próprio Messias, caminho de crescimento na ‘maturidade conforme a sua plenitude’ (Ef, 4,13), processo de discipulado, de comunhão com os irmãos e compromisso com a sociedade³³.

³¹ Dap, 2007, p. 15, nº 14.

³² CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: *Compêndio do Vaticano II*. 2. ed., São Paulo: Paulus, 2002, p. 539-661, p. 539-540, nº 1.

³³ Dap, 2007, p. 117, nº 249.

Após o encontro com o Cristo Ressuscitado, seus olhos e corações se abriram para o sinal distintivo de Jesus, que é a caridade, pela qual a missão tem seu sentido e alcança seu ápice.

É pela ação caritativa da comunidade e de cada membro dela que Cristo Ressuscitado, não mais visível fisicamente, conforme relatado na perícopa lucana dos dois discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35), faz-se presente e pode ser visto e reconhecido. Guiado pelo Espírito Santo, é que o evento da cruz de Cristo, presente no sofrimento humano, adquire o sentido de vitória, conversão e remissão, fazendo com que o cristão missionário perceba no sofrimento do irmão as dores do próprio Cristo,³⁴ que não salva o homem tirando dele todo o sofrimento inerente à efemeridade humana, mas participando misericordiosamente das fraquezas humanas.

Com efeito, Jesus Cristo assume a condição humana, até mesmo o sofrimento, ao assumir a humanidade, ao se encarnar no ventre da Virgem Maria. O cristão missionário é também exortado a se compadecer das mazelas do próximo e dos anseios da comunidade, indo ao encontro do irmão para evangelizar, a exemplo dos dois discípulos de Emaús, que partem apressadamente ao encontro da comunidade dos Onze e seus companheiros, reunidos em Jerusalém, a fim de aliviar-lhes o coração, anunciando que o Mestre vive, contando todos “os acontecimentos do caminho e como o haviam reconhecido na fração do pão” (Lc 24,35b).

O encontro dos discípulos com Jesus alimenta a vida comunitária e a missionariedade, fazendo o cristão abraçar, com ardor, a partilha e ser próximo dos que necessitam, pelo prosseguimento de ser sinal de Deus, conforme é Jesus, para o mundo, e seta que aponta para Cristo, o qual robustece a fé, tirando a pessoa do isolamento para a comunhão, da tristeza para a alegria e da desilusão para a certeza da Ressurreição.

Aliás, o cristão missionário assume a condição de discípulo, que não está desvinculada do chamado à missionariedade, pois discipulado e missionariedade são correlacionados: um supõe o outro e ambos brotam “de Jesus Cristo como de sua fonte, pela fé e pelo batismo, e crescem na Igreja, comunidade onde todos os seus membros adquirem igual dignidade”.³⁵

Discipulado e missão: características fundamentais da vocação cristã

O acontecimento da ressurreição de Cristo é o início do sujeito novo que surge na história, denominado discípulo missionário, o qual é convidado, do mesmo modo que os discípulos que caminham com o Ressuscitado até Emaús, a perceber a presença de Cristo atuante na vida humana; a deixar-se tocar pela sua Palavra de verdade e luz; e, como ponto de partida e chegada, compreender que a caminhada de evangelização é contínua e se faz ainda mais urgente na contemporaneidade.

³⁴ Tal atitude, segundo o Documento de Aparecida, é fundamental a todo seguidor de Cristo, pois “essa opção está implícita na fé cristológica, os cristãos, como discípulos e missionário, são chamados a contemplar nos rostos sofredores de seus irmãos, o rosto de Cristo” (Dap, 2007, p. 178, nº 393).

³⁵ Dap, 2007, p. 93, nº 184.

Ademais, em uma sociedade que preza a banalização da pessoa e da vida, faz-se imprescindível ecoar, pela proclamação e vivência do Evangelho, a defesa da vida, da dignidade humana e do respeito à família — tão assoladas e negligenciadas por uma cultura egoísta e destruidora — promovendo, assim, a cultura da fraternidade, da partilha e do amor.

Destarte, é impossível ser discípulo missionário de Jesus Cristo desvinculado da comunidade, conforme escreve Lucas na perícopes dos dois discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35), que, longe da comunidade, caminhavam sem perspectiva de vida e desencantados perante a morte do Mestre. Somente pela experiência do encontro com Cristo Ressuscitado e seu retorno à comunidade, recobram as esperanças, forças e adquirem a confirmação de sua vocação de anunciadores do Cristo que morreu, mas Ressuscitado e se faz presente no meio da comunidade reunida. Na ação da comunidade reunida e unida, através da proclamação missionária, “Deus é plenamente glorificado, enquanto os homens por ela recebem plena e conscientemente a obra de evangelização que Ele em Cristo levou a cabo”³⁶ (AG, 7).

O seguimento a Jesus Cristo, no discipulado missionário, é imbricado com a atividade missionária, presente na pregação e na ação pastoral da Igreja, a qual anuncia a Ressurreição de Cristo. Haja vista que “a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo”³⁷ (AG 1).

Assim, a experiência pessoal com Cristo Jesus é o único meio pelo qual o discípulo missionário pode realizar tão grande missão, visto que ele não é protagonista da missão, pois a iniciativa é de Jesus Ressuscitado, o qual convoca a pessoa para aderir à sua missão, seguindo os seus passos de anunciador que, com o coração grato por Deus ter enviado o seu Filho ao mundo para remi-lo, deseja ardentemente ser continuador de sua missão.

O discípulo missionário acaba se tornando, pelo reconhecimento da graça benevolente de Deus, expressa em Jesus Cristo para a humanidade, um ardoroso arauto de sua Palavra. Não resguardando tal anúncio somente “aos espaços privados de devoção... O discípulo e missionário, movido pelo estímulo e ardor que provêm do Espírito, aprende a expressá-lo no trabalho, no diálogo, no serviço e na missão cotidiana”³⁸

Por isso, a proclamação missionária constitui uma das expressões da autêntica virtude de discípulo na visão de Lucas, conforme ele narra na perícopes dos dois discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35), quando escreve que, após sentirem o coração abrasado, partiram “naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém” (Lc 24, 33a).

Nesse ardor dos discípulos de Emaús, de enfrentar os perigos da noite a fim de comunicar a boa nova da Ressurreição do Senhor à comunidade, vê-se que discipulado e missão são as duas faces intrínsecas e inerentes à vida cristã: quando o discípulo está apaixonado por Cristo, pelo encontro pessoal com Ele, sente dentro de si um desejo tão grande de anunciar que sai a proclamar ao mundo que Cristo ressuscitou. Convertendo

³⁶ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes*. In: *Compêndio do Vaticano II*. 2. ed., São Paulo: Paulus, 2002, p. 431-489, p. 443, nº 7.

³⁷ *Ad Gente*, 2002, p. 443, nº 7.

³⁸ *Dap*, 2007, p. 134, nº 284.

sua outrora caminhada, segundo o pecado, para a vida nova em Cristo Jesus, na qual “são chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo”.³⁹

No afã da implantação do Reino de Deus, onde impera a fraternidade, a justiça, a partilha e a caridade, a missão consiste, na Igreja, em essência, sua contínua presença de Deus no mundo. Assim, na proclamação universal da misericórdia, da salvação e do amor de Deus, suscita o discipulado e a missionariedade.

A necessidade de acolher a Pessoa de Jesus Cristo, pela fé, e comunicá-lo à comunidade, conforme Lucas expõe no caminho de Jerusalém para Emaús feito por Cléofas e seu companheiro, com Cristo Jesus, se dá pela alegria pascal do Ressuscitado, que explica as leituras, reparte o pão e convoca para a missão; corroborando que o discípulo também é missionário, por seguir o caminho do Mestre, aderindo à sua missão de anunciador do Reino da justiça, da fraternidade, da partilha e da caridade. Aliás, “os discípulos reunidos em Jerusalém no final do Evangelho... não só continuam a missão de Jesus no período pós-Páscoa, mas são, em certo sentido, o resultado final dessa missão”.⁴⁰

A qual é também exortada por Cristo Jesus aos discípulos missionários do século XXI, os quais são convidados a percorrer o itinerário de Emaús: caminhar com Cristo Ressuscitado e ser alimentados com o Pão da Palavra e o Pão Eucarístico, visando partir em missão, proclamando-O a todos.

Considerações finais

O encontro pessoal com o Cristo Ressuscitado que Lucas teve, através da pregação missionária, transfigurou e marcou profundamente a sua vida, lançando-o a desbravar o desconhecido, a fim de anunciar a experiência com Cristo Jesus, proclamando que toda pessoa que faz tal experiência fica convicta de segui-Lo, levando a cabo a missão de anunciá-Lo.

Assim, a mensagem da narrativa dos dois discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35) é atual e salutar na contemporaneidade: é da experiência pessoal do encontro com Cristo que o modo de pensar e de agir é transfigurado. Sendo somente por ela que a pessoa se converte em cristão, discípulo missionário de Cristo Jesus.

Com efeito, é fundamental que se trace o itinerário percorrido pelos discípulos de Emaús, para que, na caminhada da fé pascal, com o Ressuscitado, brote no coração a adesão à vocação cristã, que é anunciar o Cristo aos irmãos e irmãs, por meio do testemunho da fé no cotidiano, a fim de refletir, no mundo, as ações do próprio Cristo Senhor: anunciar a paz, a fraternidade e a justiça, e realizar a partilha e a caridade.

Referências

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2000.

BARREIRO, Álvaro. O itinerário da fé pascal: a experiência dos discípulos de Emaús e a nossa (Lc 24,13-35). São Paulo: Loyola, 2001.

³⁹ Dap, 2007, p. 12, nº 10.

⁴⁰ STUHLMUELLER; SENIOR, 1987, 361.

BETTENCOURT, Estevão. *Para entender os Evangelhos*. Rio de Janeiro:Agir, 1960.

BOCCALI, Giovanni e LANCELLOTTI Angelo. *Comentário ao Evangelho de Lucas*. Tradução de Antonio Angonese. Petrópolis: Vozes, 1979.

BORTOLINI, José. *Roteiros homiléticos: Anos A, B, C Festas e Solenidades*. 3. ed., São Paulo:Paulus, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. In: *Compêndio do Vaticano II*. 2. ed., São Paulo: Paulus, 2002, p. 539-661.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Decreto Ad Gentes*. In: *Compêndio do Vaticano II*. 2. ed., São Paulo: Paulus, 2002, p. 431-489.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília/São Paulo: CNBB/ Paulus/ Paulinas, 2007.

FONSATTI, José Carlos. *Introdução aos Evangelhos*. São Paulo: Vozes, 2004.

HARRIGTON, Wilfrid John. *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a revelação*. Tradução de Josué Xavier e Alexandre Macyntre. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1985.

HITZ, Paul. *A pregação missionária do Evangelho*. Tradução de Jorge Soares, 1962.

IVO, Estoniolo. *Como Ler o Evangelho de Lucas: Os pobres constroem a nova história*. São Paulo: Paulus,1992.

JOÃO PAULO II. *Carta apostólica Mane Nobiscum Domini*. 2ª ed., São Paulo: Paulinas, 2005.

KONINGS, Johan. *Liturgia dominical: Mistério de Cristo e formação dos fiéis (Anos A-B-C)*. 3. ed. Petrópolis:Vozes, 2004.

PALEARI, Giorgio. *Espiritualidade e missão*. São Paulo: Paulinas, 2001.

STUHLMUELLER, Carrol; SENIOR, Donald. *Os fundamentos bíblicos da missão*. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1987.